

Albertino Calamote

O retornado

Crónica



Edição de autor

Escritos do autor:

LIVROS

Dor e Poesia – Sonetos, Lisboa, Edições Colibri, 1999

DISPERSOS EM PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS

- Macau. Portugueses na China no século XVI (Publicado em *Baluarte – Revista das Forças Armadas Portuguesas*, n.º 6, 1986, pp. 30-37).
- Bibliotecas militares. Breve reflexão (Publicado em *Revista Militar*, n.º 11-12, Novembro-Dezembro 1988, pp. 757-786).
- A formação profissional e as bibliotecas militares (Publicado em *Baluarte – Revista das Forças Armadas Portuguesas*, n.º 2, 1991, pp. 28-33).
- Penamacor. Um baluarte na raia (Publicado em *Baluarte – Revista das Forças Armadas Portuguesas*, n.º 3, 1991, pp. 30-35).
- Guimarães. Um baluarte da independência (Publicado em *Baluarte – Revista das Forças Armadas Portuguesas*, n.º 4, 1991, pp. 36-39).
- Serviço Geral do Exército. Subsídios para a sua história (Publicado em *Jornal do Exército*, n.º 380, Agosto 1991, pp. 20-23).
- Ilha Terceira. Um baluarte da resistência (Publicado em *Baluarte – Revista das Forças Armadas Portuguesas*, n.º 5, 1991, pp. 48-56).
- As grandes exposições internacionais (Publicado em *Jornal do Exército*, n.º 396, Dezembro 1992, pp. 17-20).
- A batalha de La Lys, ou de Armentières (Publicado em *Jornal do Exército*, n.º 400, Abril 1993, pp. 13-14).
- A perenidade dos valores (Publicado em *Jornal do Exército*, n.º 403, Julho 1993, p. 14).
- Enfermeiras militares e emancipação feminina (Publicado em *Jornal do Exército*, n.º 403, Julho 1993, pp. 19-22).
- Os sargentos na revolta de 31 de Janeiro de 1891 (Publicado em *Revista Militar*, n.º 8, Agosto 1993, pp. 703-727).
- Cartografia portuguesa. Breve síntese (Publicado em *Jornal do Exército*, n.º 407, Novembro 1993, pp. 27-30).
- O «Batalhãozinho» (Publicado em *Jornal do Exército*, n.º 408, Dezembro 1993, p. 35).
- Missão na Bósnia [Entrevista com o Ten Cor Méd Lopes Henriques] (Publicado em *Jornal do Exército*, n.º 410, Fevereiro 1994, pp. 19-21).
- Incursoes na História Militar. O petróleo na iluminação dos quartéis (Publicado em *Jornal do Exército*, n.º 412, Abril 1994, pp. 21-22).
- A partilha Ibérica. Tratado de Tordesilhas faz 500 anos (Publicado em *Jornal do Exército – Suplemento*, n.º 413, Maio 1994, pp. I-VIII).
- Incursoes na História Militar. A cidade de Paulona (Publicado em *Jornal do Exército*, n.º 417, Setembro 1994, pp. 33-34).
- O estafeta – conto (Publicado em *Jornal do Exército*, n.º 422, Fevereiro 1995, pp. 33-35).
- ONU. Meio século em busca da Paz (Publicado em *Jornal do Exército*, n.º 430, Outubro 1995, pp. 10-14).
- Incursoes na História Militar. Uma solução com cem anos (Publicado em *Jornal do Exército*, n.º 431, Novembro 1995, pp. 30-31).
- A Bósnia e a lição da Guerra do Ultramar (Publicado em *Jornal do Exército*, n.º 432, Dezembro 1995, p. 4).
- O madeiro de Natal... em Moçambique (Publicado em *Jornal do Exército*, n.º 432, Dezembro 1995, pp. 34-35).
- «Sentinela das Beiras» – Quinzenário da CCaç 174. Edição especial – 5 de Junho de 1999.

INÉDITOS

- Ciganos em Portugal nos séculos XV a XVIII
- A imprensa e as *Ordenações Manuelinas*
- Ordenanças e reformas militares na segunda dinastia
- O retornado – crónica
- Moniz Barreto, uma voz em defesa dos militares
- Era Maio – conto

Como invariavelmente o combóio das 7 e 15, na estação de Sintra. Um pouco mais cedo do que o necessário para a entrada no emprego, mas um pequeno sacrifício para poder viajar sentado. Costuma resultar, embora já tenha falhado inúmeras vezes. Hoje foi um dos dias em que tive sorte.

Instalado, passo uma vista de olhos, quase automática, pelos companheiros de viagem, para confirmar, como todos os dias, que as caras são quase todas conhecidas. Daí a concorrência aos lugares sentados. A comodidade facilita a leitura e esta atenua a maçada desta rotina diária, de há vinte anos, a caminho da capital.

Proponho-me pegar no *Erro de Déscartes*, que constitui, de momento, a minha leitura. Não que seja um dos meus temas mais favoritos. Comprei-o porque me seduziu a ousadia de um autor português, embora cientista de mérito, de pôr em causa a tese do famoso filósofo francês.

Mas não iria ler Damásio. Lembrei-me de que a primeira página de um matutino me obrigara a comprá-lo. Retirei-o da pasta e desdobrei-o. Lá estava. A metade esquerda da primeira página incluía uma imagem enorme. Era a fotografia de um rapazinho negro, com sete ou oito anos, de feições perfeitas, mas graves e duras, e com uns esplêndidos olhos

Albertino Calamote

negros, mas tristes e penetrantes. Na outra metade da página, encimando um texto ligeiro, uma única palavra, enorme: ANGOLA.

Pousei os olhos na data. Era o dia em que ocorria a efeméride da independência daquele país africano de língua portuguesa: 11 de Novembro. O texto referia-se fundamentalmente à miséria e à fome que se abatem sobre a população angolana. Palavras que traduzem situações "normais" em África, mas que não podem deixar de chocar-nos, quando se trata de Angola, terra que, por razões diversas, foi conhecida e amada por tantos portugueses. E veio-me à ideia o Leonel Salvador.

Moço na casa dos trinta, nos anos 50 vira-se constrangido a deixar tudo o que tinha no então Estado Português da Índia: um modesto estabelecimento à beira do caminho de ferro que ligava Mormugão à fonteira da Índia, no território de Goa. A pressão indiana sobre os portugueses era grande e Leonel resolvera tentar vida em Angola. Escolheu a Damba, onde já havia gente da terra, Era a norte, a escassos 150 quilómetros do Congo Belga.

Beirão da raia de Espanha, rude, habituado ao cabo da enxada e à carguita do contrabando, encontrei-o a primeira vez no Ambriz, em Abril de 1961. Não era o Leonel que conhecera nos meus tempos de menino. A expressão do seu olhar repassava sofrimento e cansaço. Estava sujo, roto, de cabelo empastado. Debaixo do sovaco, entalada entre o antebraço e o tronco, pendia uma espingarda antiga, de cano voltado para o chão. Aos pés, uma trouxa de roupa e uma caixa de cartão.

Monologava de forma audível: «Eram às dezenas; vinham drogados, ruidosos e histéricos. Agitavam paus, facas, catarinas, armas de fogo mais ou menos artesanais. Por onde pas-

savam a rasia era completa». Emudeceu. Os olhos agitaram-se por momentos, após o que se quedaram fixos e acutilantes.

Semicerrando as pálpebras, continuou com o murmúrio: «Arrombavam portas e janelas, pilhavam, matavam, violavam... Não eram da Damba, vinham do Congo... Mas contagiaram os de lá e o muceque caíu em peso sobre a povoação. Fugimos todos, mas muitos deixaram-se apanhar e foram barbaramente mortos. O João Fortes foi surpreendido na fazenda e mais a família e os criados. Mataram todos, brancos e pretos. À mulher do encarregado meteram-lhe uma faca e abriram-na do baixo ventre até à garganta, depois de fazerem tudo o que... ».

As últimas palavras ficaram-lhe na garganta, e pregou no chão os olhos vermelhos, molhados de raiva e de lágrimas.

Evacuado para Luanda, onde chegavam muitos soldados, Leonel Salvador, com a «fortuna» que levava na trouxa e na caixa de cartão, dirigiu-se para sul. No Lobito, onde a guerra ainda não tinha chegado, arranjou modesto emprego numa fábrica local.

Voltei a ver o Leonel treze anos depois, e quis o destino que fosse de novo em Angola. Foi no aeroporto de Luanda, em Outubro de 1975. Continuava com ar cansado e estava nitidamente mais velho. Os cabelos faltavam-lhe no alto da cabeça, e, ao redor, onde ainda os havia, eram de um cinzento-prata. A expressão não diferia muito da do nosso anterior encontro, e o murmúrio também não: «Os Portugueses todos para Portugal; acabou a exploração; Angola é dos pretos...». Tomou fôlego e continuou: «Foi com estes gritos que saquearam as nossas casas, que nos maltrataram e que nos obrigaram a fugir... Só com a camisa do corpo. Ficaram-nos lá com tudo...».

Albertino Calamote

Acalmando um pouco, pormenoriza a odisseia da sua permanência no Lobito, nesta sua derradeira tentativa de fazer vida em Angola.

Perante a chamada do altifalante, Leonel Salvador despede-se de mim e baixa-se para pegar na mala. Não era a mesma, mas era uma mala, apenas uma. Nada mais. Até a esperança, tantas vezes perdida e tantas outras renovada, não o acompanhava.

Voltava agora à sua terra, uma aldeia esquecida junto da raia de Espanha. Quando se dirigia para o avião, tomando o seu lugar numa longa fila, lançou um derradeiro olhar por aquele aeroporto cheio de pessoas, de caixotes e de militares armados.

Eram de ambas as cores, os militares: os que entregavam e os que recebiam aquela terra que já não era para os brancos.

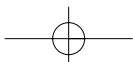
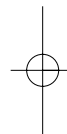
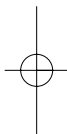
*
* *

À entrada no túnel do Rossio, acentuou-se o ruído dos rodados nos carris e eu voltei à realidade. O trabalho esperava-me. Angola iria ser, de certeza, um grande país, embora já sem a participação de Leonel Salvador, que, depois de retornado às origens, se dedicou à hortita que deixara na terra antes de se iniciar a sua diáspora.

Já não viverá da carguita do contrabando, (que acabara, já mesmo antes de Shengen abrir as fronteiras), mas o cabo da enxada, esse, reencontrou o seu velho amigo e companheiro de juventude.



Grafismo e paginação (em Quark XPress) do autor
Edição (em PDF) do autor
São permitidas cópias
2006





«lançou um derradeiro olhar por aquele aeroporto cheio de pessoas, de caixotes...»

